



Fragmentos de memória: degradação do mobiliário do Auditório Araújo Vianna

Thiago Buzatto Storck¹

Judite Sanson de Bem²

Resumo: O Auditório Araújo Vianna, teve sua reinauguração em 1964 no Parque Farroupilha em Porto Alegre. Entretanto, o mesmo traz consigo 33 anos de história referente à sua primeira fase, quando inaugurado no ano de 1927 na Praça da Matriz, no centro da Capital Gaúcha. O objetivo deste estudo é conhecer alguns dos aspectos culturais da primeira fase do Auditório, compreendido entre os anos de 1927 e 1960, e fazer um mapeamento de seus bancos que hoje se encontram espalhados pela cidade e representam uma fração de sua memória. Para tanto, foram utilizadas reportagens antigas e informações extraídas de sites oficiais como recurso metodológico bibliográfico. A busca pelos bancos ocorreu em lugares pré-estabelecidos de acordo com o site oficial da Prefeitura de Porto Alegre, onde os bancos poderiam estar localizados. Verificou-se que não existe uma memória por parte dos usuários, destes bancos como pertencentes ao patrimônio, sendo tratados como bancos de praça comuns.

Palavras-Chave: Auditório Araújo Vianna; Bancos; Memória; Cultura.

Memory fragments: degradation of the Araújo Vianna Auditorium furniture

Abstract: The Araújo Vianna Auditorium was reopened in 1964 at Parque Farroupilha in Porto Alegre. However, it brings with it 33 years of history regarding its first phase, when it opened in 1927 in Praça da Matriz, in the center of the Capital Gaúcha. The purpose of this study is to get to know some of the cultural aspects of the first phase of the Auditorium, between the years 1927 and 1960, and to map out its banks that are today scattered throughout the city and represent a fraction of its memory. For that, old reports and information extracted from official websites were used as a bibliographic methodological resource. The search for banks took place in pre-established places according to the official website of the Porto Alegre City Hall, where the banks could be located. It was found that there is no memory on the part of the users, of these banks as belonging to the patrimony, being treated as common square banks.

Keywords: Araújo Vianna Auditorium; Seats; Memory; Culture.

Introdução

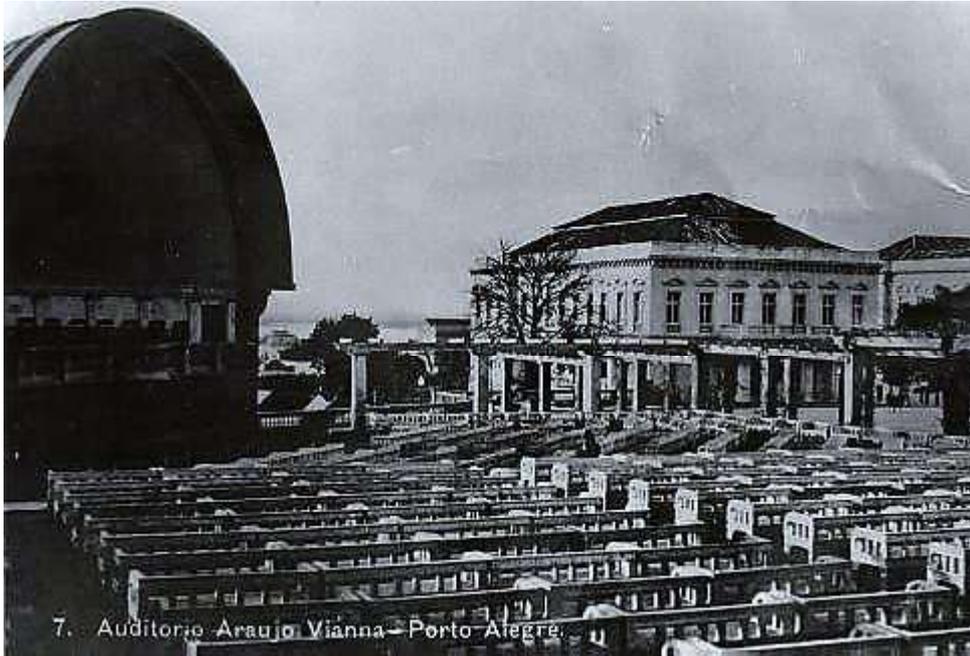
O Auditório Araújo Vianna, atualmente localizado junto ao Parque Farroupilha, tombado em 1997 como patrimônio cultural, teve sua primeira inauguração no ano de 1927, mais precisamente no

1 Doutorando em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). Graduado em Gestão Financeira, Bacharel em Administração e Licenciatura em Pedagogia. Pós-Graduação MBA em Gestão de Recursos Humanos. Mestre em Avaliação de Impactos Ambientais (Unilasalle). Desde 2012 é Professor Tutor do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, e em 2014 também começou a exercer a função de professor da Faculdade Anhanguera de Porto Alegre. Bolsista CAPES.

2 Doutorado em História Ibero-americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado em Geografia da UFRGS no Projeto: Direito à cidade, financeirização e transformações no regime urbano na metrópole de Porto Alegre/RS. Possui Bacharelado em Ciências Econômicas e Mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Mestrado Profissional e Doutorado Acadêmico em Memória Social e Bens Culturais e do Mestrado em Avaliação de Impactos Ambientais na Universidade La Salle.

centro da cidade de Porto Alegre, na Praça da Matriz, tendo lá permanecido até 1960. A Figura 1 mostra o Auditório no final da década de 1920, quando ainda localizado no centro da cidade. Naquele momento, caracterizava-se, entre outros, por não apresentar cobertura e por seus bancos serem de concreto, com assentos em madeira.

Figura 1 – Auditório Araújo Vianna na década de 1920.



Fonte: Disponível em <http://www2.al.rs.gov.br/recepcao/Portals/recepcao/Imagens/Pra%C3%A7a%20da%20Matriz/Ara%C3%BAjo%20Viana%201.jpg>

Devido a demandas do poder público, ele precisou ser realocado em 1964, quando houve sua reinauguração no bairro Bom Fim, onde permanece até hoje, somando 93 anos de história. No entanto, parte de seus pertences da primeira fase foram dispersos por Porto Alegre e, a maioria dos moradores desconhece sua importância como um patrimônio cultural, ou seja, houve com o passar dos anos um “apagar” de memórias sobre este equipamento cultural.

O objetivo deste estudo é conhecer alguns dos aspectos da primeira fase do Auditório, compreendida entre os anos de 1927 e 1960, e fazer um mapeamento de seus bancos que hoje se encontram espalhados pela cidade, rastros que representam uma fração do que era em outros tempos.

Para realizar este estudo, foram utilizadas pesquisa bibliográfica e documental que, segundo Lakatos e Marconi (2007), é o meio pelo qual o pesquisador realiza estudos em materiais publicados como livros, revistas, artigos e periódicos, e em documentos para, assim, conseguir uma fundamentação consistente.

Em termos bibliográficos, buscaram-se obras de autores conceituados sobre memória e cultura, como Nora, Gondar, Certeau, entre outros, além de artigos publicações em site oficiais, como o da Prefeitura de Porto Alegre. A investigação por informações deu-se também por meio de reportagens antigas, em sites e jornais online, pois atualmente (2019 - 2020) dificilmente encontra-se algum artigo relacionado a este tema, ou seja, a rememoração do passado do Auditório Araújo Vianna e a construção de memórias a partir de seus bancos.

Também foi utilizado o recurso da entrevista estruturada que, de acordo com Manzini (2012), permite ao pesquisador obter informações pertinentes acerca do objeto estudado, diretamente com o público envolvido. As entrevistas foram realizadas juntamente com o mapeamento dos bancos e ocorreram tanto com seus usuários quanto com o pessoal de manutenção responsável por esses. Foram ao todo 120 entrevistados; destes, 110 eram transeuntes que estavam utilizando os bancos nos locais pesquisados e 10 foram pessoas que trabalham na manutenção dos parques e praças visitados.

Para o mapeamento dos bancos foi delimitada uma área de busca, de acordo com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Para esta, os bancos deveriam estar localizados em alguns pontos específicos da cidade como Praça da Matriz, Parque Farroupilha, Jardins do DMAE e alguns parques, praças e igrejas da Zona Sul de Porto Alegre.

Para atingir o objetivo, este artigo está dividido em seções: após esta introdução será apresentada uma breve revisão bibliográfica referente à relação cultura e memória, posteriormente, a descrição da primeira fase do Auditório Araújo Vianna para em seguida passarmos à localização atual de seus bancos e aos aspectos de esquecimento e não entendimento da sua importância como patrimônio do município de Porto Alegre.

Cultura e Memória: conceitos e relações

Eagleton (2005) explica que cultura tem sua raiz da palavra latina *colere*, e que possui uma variação em seu uso e significado como: cultivar, habitar, adorar e proteger. Em Certeau (1995) encontra-se cultura como uma atividade a ser realizada durante a existência humana. O autor sugere que a cultura não precisa ser protegida do tempo e espaço, pois cada época deve desenvolver sua própria característica cultural. Assim, cultura não é algo estável, pois está sempre em movimento e constante transformação.

Velho e Castro (1978) conceituam cultura como sendo hábitos que o homem adquire quando vive em sociedade, como as leis, música, arte, dança e outros costumes que possam surgir e que sejam seguidos por um determinado grupo. Já Matta (1981), nos mostra que os indivíduos, independentemente de suas capacidades, sentem-se parte de uma mesma totalidade quando possuem os mesmos interesses. São estes interesses, como por exemplo, a música, que justificava o público se reunir, independente de classes sociais, para a partilharem. No dicionário também é possível encontrar uma definição antropológica para a palavra cultura, sendo um “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social” (MICHAELIS, 2020).

O Auditório Araújo Vianna, tanto na primeira fase quanto atualmente, representa um espaço cultural onde as pessoas se reúnem para compartilhar seus interesses em comum pela arte. No entanto, também se faz necessário conhecer seus aspectos de memória para assim, ser possível compreender se esta permanece cultivada na lembrança da sociedade, principalmente no que tange a seu mobiliário, no caso deste artigo, seus bancos, que hoje se encontram espalhados pela cidade.

A discussão da temática “memória” apresenta-se em diferentes autores e cada um contribui de alguma forma a cerca deste tema. Para Halbwachs (2006), a memória é um fenômeno social, sendo um conjunto de lembranças reconhecidas, representações do passado compartilhadas de forma coletiva por um grupo no presente. Ou seja, para existir uma memória de algo é preciso que se fale a respeito.

Já para Candau (2002) a teoria da “memória coletiva” de Halbwachs pode explicar como alguns acontecimentos são memorizados ou esquecidos por determinadas sociedades e a existência de diferentes capacidades de memória entre gerações, entre classes sociais, entre culturas e etc. No entanto, não explica como as memórias individuais poderiam formar uma “memória coletiva” e então serem transmitidas. Para Candau os grupos são capazes de comunicar as lembranças, mas quem as mantém fixadas em suas memórias são os indivíduos.

Gondar (2005) salienta que a memória é um tema transdisciplinar algo que ultrapassa a disciplinaridade e a multidisciplinaridade. Para a autora, memória implica em esquecer ou lembrar daquilo que se quer lembrar. A autora reforça ainda que a memória pode ser influenciada de acordo com nossas emoções e sentimentos, como por exemplo, os vitoriosos em uma guerra poderão ter memórias distintas dos derrotados.

Nora (2008) nos apresenta uma discussão sobre aquilo que quer ser lembrado e as pessoas que são responsáveis por transferir estas lembranças. Como no caso de um museu, por exemplo, quem decide o que será preservado neste local, tem, de certa forma, o poder de decisão sobre a preservação do que será memorado.

Os autores nos apresentam as diferentes concepções e dificuldades de entendimento relativo à memória, o que é lembrado ou esquecido por alguém. No entanto cabem indagações sobre o porquê de memorar algo? Ou mesmo: será que as pessoas sabem ou conhecem a importância do patrimônio que as rodeia? Onde se localizam os bancos que hoje estão espelhados pela cidade e pertenceram ao Auditório Araújo Vianna nos anos 1920? Há a devida atenção e conservação deste patrimônio?

Neste sentido, a próxima seção buscará responder a algumas destas indagações, apresentando o mapeamento dos bancos encontrados em saída a campo, juntamente com uma discussão sobre sua condição como fragmentos de memória.

Auditório Araújo Vianna: a rememoração da sua primeira fase

Cunha (2009) e Ribeiro (2012) apresentaram aspectos culturais sobre esta primeira fase do Auditório Araújo Vianna, como as apresentações da Banda Municipal que proporcionavam que pessoas de todas as classes sociais se reunissem para compartilhar atividades culturais. Laraia (2009) vem ao encontro quando salienta que cultura são formas de expressões e comportamentos, costumes. Assim, pode-se entender por cultura que as pessoas tinham o costume de frequentar o Auditório para assistirem à Banda Municipal.

Conforme os autores citados pode-se identificar na primeira fase do Auditório Araújo Vianna, duas características de um bem cultural e de sua expressão como símbolo cultural. O interesse em comum ou o costume quando as pessoas se reuniam para assistirem aos shows e a união de pessoas num mesmo ambiente, independente de suas classes sociais, pois o objeto de interesse estava acima disto.

Inaugurado no dia 19 de novembro de 1927, inicialmente no centro de Porto Alegre, onde atualmente se localiza a Assembleia Legislativa, na Praça da Matriz, surge um palco ao ar livre batizado de Auditório Araújo Vianna em homenagem ao compositor gaúcho José de Araújo Vianna (1871 – 1916). Sua construção teve início em 1925, sendo o projeto elaborado pelo arquiteto Arnaldo Boni e o engenheiro José Wiedersphan, inspirados em um projeto que existia na Alemanha (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2019).

Tendo sido considerado revolucionário para a época, por seu porte e estruturas em concreto armado, seus assentos ficavam distribuídos entre as árvores e pérgolas (Figura 2) e todo o projeto fazia parte da remodelação e humanização da cidade ocorrida naquele período (CUNHA, 2009; RIBEIRO, 2012).

Figura 2 – Auditório Araújo Vianna em 1927



Fonte: Ribeiro (2012).

O projeto inicial trazia a ideia de um palco a céu aberto em formato de concha acústica com mais de 400 bancos, proporcionando cerca de 1200 lugares aos espectadores. Nesta época os espetáculos eram gratuitos, proporcionando assim que pessoas de todas as classes sociais se reunissem e compartilhassem da cultura através das apresentações musicais (RIBEIRO, 2012).

Os bancos desta primeira fase do Auditório Araújo Vianna foram produzidos em uma fábrica de artefatos de cimento nos fundos da casa do engenheiro Armando Boni (1887 - 1946), na Rua Marquês do Pombal em Porto Alegre. Este engenheiro, de origem italiana, chegou ao Brasil por volta de 1910 e foi o responsável pelos desenhos e projetos dos bancos do Auditório, fabricando as peças e finalizando-as a mão.

Nesta fase, o Auditório consagrou-se por apresentar os ensaios e shows da Banda Municipal, geralmente as apresentações aconteciam às quartas-feiras a noite, sendo os músicos desta banda os primeiros integrantes da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA (CUNHA, 2009).

Na década de 1950, com o crescimento da cidade, houve a necessidade de construção de uma nova sede para a Assembleia Legislativa. Como o Auditório encontrava-se em um local privilegiado da cidade, sendo uma área central e próxima aos poderes do Executivo, Legislativo e Judiciário, foi decidido por sua demolição dando lugar à nova Assembleia Legislativa do estado (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2019). A demolição do antigo prédio ocorreu em 1958, sendo projetada uma nova sede pelos arquitetos [Moacir Moojen Marques](#) e [Carlos Maximiliano Fayet](#).

Não restaram muitos traços do antigo prédio, talvez apenas os bancos do Auditório que enfeitam praças e parques da cidade, como o Parque Farroupilha (Figuras 3 e 4), o Jardim do Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE), a Praça da Alfândega e alguns clubes e igrejas da Zona Sul de Porto Alegre, entre outros lugares para onde estes foram distribuídos (WEBER, 2016).

Figura 3 – Bancos do Primeiro Auditório Araújo Vianna Espalhados Pela Cidade.



Fonte: Jornal Zero Hora edição de outubro de 2016 (apud MORAES, 2018)

Figura 4 – Bancos do Auditório em Porto Alegre



Fonte: Jornal Zero Hora edição de outubro de 2016 (apud MORAES, 2018).

Embora as Figuras 3 e 4 ilustrem os bancos do antigo Araújo Vianna, a Prefeitura de Porto Alegre não tem um mapeamento destes, não sabendo ao certo quantos permanecem em cada local de destino bem como não tem uma prática de conservação e revitalização dos espaços onde estes estão ou possam estar.

No entanto, os autores realizaram um mapeamento parcial deste mobiliário, através de saída de campo em lugares preestabelecidos e definidos de acordo com a metodologia apresentada. Objetivou-se verificar sua situação, dada sua importância à memória cultural da Cidade de Porto Alegre.

Mapeamento dos Bancos: uma revisita a memória e esquecimento de um patrimônio cultural

A busca ocorreu nos locais onde, segundo a Prefeitura de Porto Alegre (2019), os bancos estariam dispostos, pois foi necessário realizar uma delimitação da área de busca, conforme mencionado anteriormente na metodologia de pesquisa. Entretanto, não foram localizados bancos na Praça da Matriz nem na Praça da Alfândega, conforme pressuposto pela Prefeitura.

Já no Parque Farroupilha, mais conhecido como Redenção, foram encontrados 23 bancos distribuídos da seguinte forma: 7 no espaço do “labirinto verde” conforme Figura 5.

Figura 5 – Bancos Redenção: “Labirinto Verde”

Fonte: O Autor

Mais 7 bancos encontrados em uma das entradas do parque da Redenção (entrada em frente a Rua da República), conforme ilustrados na Figura 6.

Figura 6 – Bancos Redenção: Entrada Do Parque

Fonte: O Autor

E mais 9 bancos encontrados no caminho que vai do Instituto de Educação (IE) até o Auditório Araújo Vianna, conforme Figura 7:

Figura 7 – Bancos Redenção: do Instituto de Educação até Auditório Araújo Vianna

Fonte: O Autor

Entretanto, além desta disposição e disponibilização para uso das pessoas que frequentam o parque, foram encontrados, junto à administração da Redenção, escombros de bancos, de acordo com a Figura 8.

Figura 8 – Bancos localizados na Administração da Redenção: Escombros

Fonte: O Autor

A Figura 8 retrata uma triste realidade: um mobiliário valioso, os bancos construídos em 1925, e que proporcionaram alegrias para muitas pessoas, hoje encontram-se jogados como lixo, sem cuidados e abandonados. Pode-se inferir que a seguinte situação esteja presente: são tratados como bancos da praça sem o mínimo critério de conservação por parte da população, pois há em diferentes locais a indiferença para com o patrimônio público e com a memória.

Foram 5 dias de pesquisa no Parque da Redenção e nenhum dos transeúntes entrevistados conheciam a história destes bancos: todos que os utilizavam, pensavam se tratar apenas dos bancos da Redenção sem nunca terem tido informações ou mesmo buscado o conhecimento de sua existência. Nestes 5 dias foram entrevistadas 60 pessoas que por ali passavam e ainda houve uma conversa com o pessoal da manutenção do parque que também demonstrou desconhecer a história dos bancos, chamando-os de “os bancos velhos de concreto”.

Escombros também foram encontrados no Parque Marinha. Apenas 4 (quatro) bancos encontrados no Parque e todos esquecidos tanto pelos usuários e frequentadores do parque quanto pela gestão do mesmo, 20 pessoas foram ouvidas. A Figura 9 ilustra a situação.

Figura 9 – Bancos do Parque Marinha

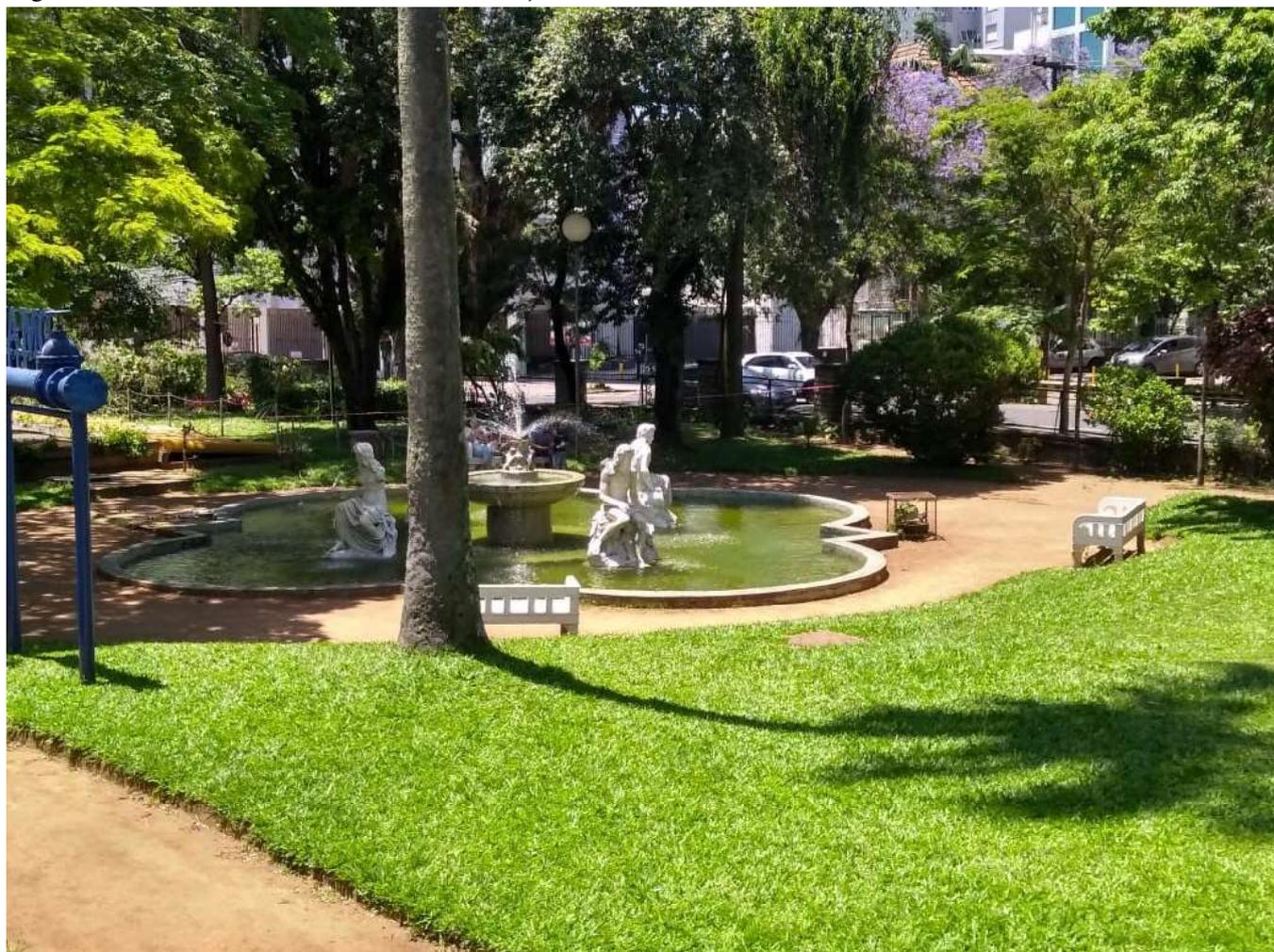
Fonte: O autor

Mal se pode ver o banco na imagem da direita, pois está quase encoberto pelo mato. Também foi difícil de chegar perto, pois existiam ninhos de quero-quero e estes passaros são conhecidos por avançarem em quem se aproxima de seus ninhos. A Figura 9 leva a intuir sobre o descaso do poder público, estadual e municipal bem como dos frequentadores, tanto para com o Parque, dado suas condições, quanto para com os antigos bancos do Auditório. Todo este descaso e a depredação apresentam relação com efeito da “falta de memória”, “do esquecimento” do que percebemos como importante para nossos sentimentos e existência?

Para os usuários, de acordo com as entrevistas realizadas, são apenas peças de cimento e assento de madeira e isto vem ao encontro do pensamento de Certeau, onde a relevância das coisas é construída de acordo com cada período. E apesar de seus bancos terem sido realocados para diferentes lugares, não houve a preservação de sua memória. De acordo com Halbwachs talvez falte a construção de memória coletiva. Ou seja, a história dos bancos não foi passada pelos indivíduos através das gerações.

No entanto, algumas peças/bancos conservadas e preservadas também foram encontradas em outras praças e parques, como no caso dos Jardins do DMAE. São 25 unidades pintadas e bem cuidadas, conforme Figuras 10 e 11.

Figura 10 – Bancos do Jardim do Dmae – Estação de Tratamento da 24 de Outubro



Fonte: O Autor

Figura 11 – Bancos Do Jardim Do Dmae

Fonte: O Autor

Os mesmos são preservados única e exclusivamente por pertencerem ao DMAE, sendo um patrinônio deste lugar, no entanto, as entrevistas realizadas nestes local, com o total de 30 pessoas, mostraram que a narrativa de que um dia estes bancos perteceram ao antigo Auditório Araújo Vianna não existe, nem pelos frequentadores da praça nem pelos seus responsáveis.

Conforme Gondar existe o esquecimento daquilo que talvez não se queira lembrar, e Halbwachs cita que a memória depende do coletivo. Logo não houve a preservação da memória destes bancos. As pessoas não demonstraram interesse em memorá-los, apesar deles terem ultrapassado gerações, e contribuído com a atividade social de uma geração que viveu seu auge nas décadas de 20 a 50, hoje estão esquecidos.

O mesmo ocorre com os 22 (vinte e dois) bancos da praça Júlio de Castilhos, localizada na Av. Independência esquina com a Rua Ramiro Barcelos em Porto Alegre conforme figura 12 e com os 13 (treze) bancos localizados na praça Otávio Rocha localizada na Rua Senhor dos Passos esquina com Av. Alberto Bins, conforme ilustra figura 13. Nestas duas praças, foi possível conversar com 10 pessoas a respeito da memória dos bancos. Mas o resultado foi o mesmo das entrevistas anteriores, o desconhecimento da história de que um dia os bancos pertenceram ao antigo Auditório.

Figura 12 – Bancos Praça Júlio de Castilhos

Fonte: O Autor

Figura 13 – Bancos Praça Otávio Rocha

Fonte: O Autor

Além destes bancos localizados em praças, foram encontrados 4 (quatro) unidades em uma igreja na zona sul da cidade no Bairro Teresópolis (Figura 14) e apenas um banco em um Clube que fica ao lado da igreja, conforme Figura 15.

Figura 14 – Bancos na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Fonte: O Autor

Figura 15 – Banco do Teresópolis Tênis Clube

Fonte: O Autor

Os bancos sobreviveram ao tempo, alguns encontram-se em estado deplorável e outros conservados, mas não representam ou tem significado às pessoas que os utilizam. Isto traduz o que Gondar, Halbwachs e Candau relatam através das suas abordagens sobre o memorar e o esquecer, uma vez que estes não fazem mais parte das práticas culturais da cidade, talvez não exista mais o interesse em memorá-los. As pessoas desconhecendo sua importância para o patrimônio cultural da cidade, desde a década de 1920, não consideram o simbolismo que estes representam.

Considerações Finais

A primeira fase do Auditório Araújo Vianna proporcionou mais de 30 anos de cultura para as pessoas que o conheceram e tiveram a oportunidade de disfrutar de suas atrações nas décadas de 1920 a 1950. Nascia ali a Banda Municipal da cidade de Porto Alegre, que mais tarde iria compor a Orquestra Sinfônica.

Neste período se deu início às tradicionais noites de quarta-feira na Praça da Matriz e às tardes de domingos para que todos os apreciadores da música pudessem apreciar esta arte. Assim, acontece a formação de um comportamento cultural descrito por autores já citados como um hábito, costumes de se fazer algo em prol de um comportamento em que um determinado grupo realiza em conjunto e com frequência em busca de um bem comum. Neste caso, os encontros na praça apreciando a arte ofertada pelo Auditório.

Apesar da mudança de endereço no final da década de 1950, início da década de 1960, o antigo Auditório deixou relíquias espalhadas pela cidade, seus bancos, onde o público deste antigo Auditório outrora disfrutara de suas atrações. Mas, não por muito tempo estes bancos foram lembrados. Sua memória,

com o passar das gerações foi sendo diluída. Hoje, mais de 50 anos após sua realocação a memória já não se faz presente pelos seus usuários. Poder-se-ia dizer que houve um “apagar” destas recordações, o que reflete o entendimento de Gondar da relação entre memória e esquecimento.

Nos 5 dias em que os autores foram a campo, nenhum entrevistado conhecia coletivamente ou individualmente, conforme Candau que defende um memorar individual e Halbwachs com sua teoria de memória coletiva. Todas as pessoas que foram contatadas desconhecem seu passado, sua importância ou que um dia fizeram parte da cultura desta cidade.

Existem dois fatores que podem ser problematizados: o primeiro sobre o querer memorar. Os bancos foram dispostos pela cidade e apenas por um determinado período acredita-se que se tenha falado sobre o assunto. No entanto, após um determinado momento isto já não era mais tão interessante a ponto de dar continuidade nas discussões ou nas lembranças. Ou mesmo aquela geração que frequentava o Auditório em 1920 a 1950 já não exista mais. Também há a decisão de não se preservar “estes entulhos” o que significa este patrimônio, pois a preservação custa recursos dos cofres públicos e implica na importância que é dado à memória, de acordo com o que foi visto em algumas imagens.

Hoje, quase 100 anos após sua construção e de sua fase áurea como equipamento cultural, desempenhando papel importante na vida de muitas pessoas nas décadas de 1920 a 1950, temos a oportunidade de resguardar esta memória e apreciar todo um momento cultural que estes bancos representam. Mas para que isto aconteça, se faz necessário que este patrimônio seja reconhecido como importante tanto pelo poder público quanto pela sociedade que pode usufruir deste.

Referências

- CANDAU, Joel. **Antropologia de la memória**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **Cultura No Plural**. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papyrus, 1995.
- CUNHA, Eduardo Vieira. **O auditório Araújo Vianna**. 2009. Disponível em: <<http://mig-poesiasmensagens.blogspot.com/2009/11/o-auditorio-araujo-viana-zh-281109.html>>. Acesso em: 07 set. 2019.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandro Castelo Branco. São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/s?hl=ptBR&lr=&id=CWqPYqs2KigC&oi=fnd&pg=PA9&dq=cultura+&ots=D9yOzwfai4&sig=vZPLMMZ1Gdy99DNltDY55B2dBTU#v=onepage&q=cultura&f=false>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- FLICKR.com. Porto Alegre: Antigo Araújo Vianna. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11012844873>. Acesso em: 21 julho de 2020.
- G1. Com espírito coletivo, Auditório Araújo Vianna reabre em Porto Alegre. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/09/com-espírito-coletivo-auditorio-araujo-vianna-reabre-em-porto-alegre.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

- MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso**, p. 149-171, 2012.
- MATTA, Roberto. Você tem cultura. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: **Rocco**. p. 121-128, 1986.
- MICHAELIS. **Dicionário Online Brasileiro da Língua Portuguesa**. Cultura. 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- MORAES, Nilo da Silva. **Sociedade Bailante**. 2018. Disponível em: <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2018/10/sociedade-bailante.html>. Acesso em: 07 set. 2019.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Ediciones Trilce, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=jx-c1TlSKfsC&oi=fnd&pg=PA5&dq=nora+pierre&ots=Jok07wx81x&sig=i2nzB5tIM5lwOzCxf2TbOgT-ZY8#v=onepage&q=nora%20pierre&f=false>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **A história do Auditório Araújo Viana**. 2019. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=271. Acesso em: 07 set. 2019.
- RIBEIRO, Milton. **Após sete anos e muita polêmica, o Auditório Araújo Vianna volta à vida**. 2012. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/noticias/2012/09/apos-sete-anos-e-muita-polemica-o-auditorio-araujo-vianna-volta-a-ativa/>. Acesso em: 07 set. 2019.
- VELHO, Gilberto; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica**. 1978.
- WEBER, Jéssica Rebeca. Por onde andam espalhados os bancos do antigo Auditório Araújo Vianna? **Jornal Zero Hora**. Outubro de 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/10/porondeestaospalhados-os-bancos-do-antigo-auditorio-araujo-vianna-8059610.html>. Acesso em: 07 set. 2019.

Recebido em 14/02/2020.

Aceito em 19/06/2020.